

Fracasso na selva

Após três dias de espera e adiamentos sucessivos, o circo em torno da prometida libertação de três reféns pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) foi desarmado. E o final, infeliz. Não apenas fracassou o resgate, como o antagonismo entre os presidentes dos países envolvidos se acirrou. Extrapolou o campo político e voltou a entrar no terreno das ofensas pessoais. No cabo-de-guerra entre o venezuelano Álvaro Uribe e o colombiano Hugo Chávez, a discussão agora é sobre quem ganha e quem – além dos reféns – perde com a suspensão das negociações.



Aviões e helicópteros cedidos pelo governo venezuelano deixaram a Colômbia levando os observadores internacionais que serviriam de garantia no resgate

FERNANDO VERGARA, AP

Bogotá

A briga ganhou contornos surreais. Ao anunciar ontem que a operação de resgate de três reféns em poder dos guerrilheiros das Farc havia chegado ao fim sem êxito, diante da frustração nacional, o presidente colombiano Álvaro Uribe tinha um sorriso no canto dos lábios.

Conhecido por não negociar e defender a linha dura contra os guerrilheiros, ele pôde finalmente dizer:

– Avisei que elas não eram confiáveis. Elas já haviam enganado a Colômbia. Agora, enganaram a comunidade internacional.

O semblante do colombiano contrastava com o do colega venezuelano Hugo Chávez. Depois de três dias de espera para que as Farc informassem o local onde os seqüestrados seriam entregues, ele leu um comunicado da guerrilha, suspendendo a libertação. Chávez culpou Uribe, frente a microfones de vários pa-

íses, pelo frustrante desfecho.

– Uribe manipulou a operação, fez com que ela fracassasse ao ordenar a presença de militares no local. Eu o acuso formalmente de estar mentindo – disse Chávez, que chegou a insinuar que comandaria uma outra missão, clandestina, para libertar os reféns.

A libertação da ex-assessora de campanha da candidata à presidência Ingrid Betancourt (também seqüestrada), Clara Rojas, de seu filho Emmanuel, nascido em cativo, e da ex-parlamentar Consuelo González de Perdomo era aguardada desde sexta-feira. Durante os dias de negociação capitaneada por Chávez, o colombiano manteve-se distante do grande teatro armado em torno da libertação – até o cineasta Oliver Stone apareceu na cidade colombiana Villavicencio para filmar a ação.

Uribe só voltou a mostrar a cara ontem, com o inimigo enfraquecido. E partiu logo para o ataque. Negou ter ordenado ações militares na região onde deveria ser feita a entrega e lançou uma hipótese surpreenden-

te envolvendo o filho de Clara, fruto de uma relação consentida com um guerrilheiro. O menino já estaria em liberdade. As Farc teriam blefado.

– As Farc não poderiam entregar os reféns por que mentem. A criança já está em Bogotá – declarou Uribe, tirando da manga um trunfo do qual ainda não se conhece a veracidade.

Observadores se dispuseram a ajudar em nova negociação

Emmanuel teria sido levado ao Instituto Colombiano de Bem-Estar Familiar (ICBF) em junho de 2005, com o nome de Juan Gómez Tapiero. Se ele for mesmo o garoto que as Farc prometeram libertar, os guerrilheiros terão a credibilidade bombardeada, chamuscando também o padrinho venezuelano. Inconformado com a nova cartada do rival, Chávez disse que Uribe foi a Villavicencio “dinamitar” a operação de resgate com a nova hipótese sobre Emmanuel. E pressionou para que Uribe se afastasse dos EUA, outro ator fundamental na novela:

– Uribe, olhe mais para cá e menos para Bush. Desprenda-se de Bush e vamos nos dar um abraço e construir uma grande pátria. Reflita, Uribe, porque os Estados Unidos não querem a paz para ninguém, e pelos governantes dessa potência ocorreria uma festa com uma guerra entre Venezuela e Colômbia.

Enquanto os dois presidentes trocavam farpas, os observadores internacionais convidados por Chávez para servir de garantia de segurança aos guerrilheiros levantaram acampamento. Não escondiam a frustração. O argentino Néstor Kirchner leu um comunicado em que renovava o desejo do grupo de ajudar, caso fosse novamente convocado. Em Caracas, o assessor especial da Presidência, Marco Aurélio Garcia, falou com descontração sobre o desenrolar do caso.

– Vamos ver se (a presença de Emmanuel em Bogotá) é verdade ou se é mais um capítulo de telenovela, uma bela telenovela. É um aspecto um pouco rocambolesco que acrescenta mais emoção – disse.



Hugo Chávez: amigo das Farc

Parentes: puxam para o lado de Chávez

Brasil: adota postura neutra

Oliver Stone: só quer filmar o resgate

Gonda



HAROLD ESCALONA, EFE

A avó de Emmanuel, Clara, e o tio, Iván (C), receberam de Chávez a notícia de que passarão por um exame de DNA

A incógnita Emmanuel

Uma criança concebida e nascida em plena selva colombiana, filha de uma vítima de seqüestro e de um guerrilheiro, está no centro de um impasse internacional.

O que se sabe é que Emmanuel é um resultado concreto da vida em cativeiro que as Farc impõem a seus reféns. Nasceu de uma relação consentida entre Clara Rojas – ex-assessora da política franco-colombiana Ingrid Betancourt, seqüestrada pelas Farc há mais de cinco anos – e um dos integrantes da guerrilha. O nome do garoto ganhou importância nas últimas semanas, quando os revolucionários anunciaram que ele e a mãe (*mais a ex-congressista Clara González*) seriam libertados na virada do ano, em uma ação que teria a participação do presidente da vizinha Venezuela.

Ontem, os familiares da Clara Rojas recolheram amostras de DNA para confirmar ou descartar a hipótese de que Juan Gómez Tapiero, um menino de três anos, localizado numa espécie de orfanato em Bogotá, seja na verdade o menino nascido na selva. Assim como Emmanuel, o menino encontrado no abrigo teria um problema em um dos braços, uma das poucas características co-

nhecidas de Emmanuel, com base em relatos de Clara feitos em uma carta. Ao chegar ao abrigo, Gómez teria sofrido desnutrição e malária.

– Cinco especialistas da Colômbia foram enviados a Caracas para fazer os exames em minha mãe (*também chamada Clara*) e em mim – disse Iván Rojas, irmão de Clara, numa improvisada coletiva de imprensa no saguão do hotel em Caracas onde a família está hospedada.

Não há data prevista para divulgação do exame de DNA

Ontem, uma representante da Cruz Vermelha confirmou que havia sido comunicada pelo governo colombiano a respeito da existência da criança, sob a condição de sigilo. Para Iván Rojas, a hipótese de Uribe tem a vantagem de ser rapidamente confirmada ou descartada com a realização do teste do DNA.

– Temos que lembrar que se trata somente de uma hipótese, mas não perdemos nada resolvendo isto. Como disse o presidente Chávez, será bom se for assim (*que Emmanuel esteja livre*), porque significa que temos um refém a menos – disse.

A reação das Farc à hipótese levantada por Uribe foi rápida. A agência de notícias Nova Colômbia, favorável às Farc, foi enfática: Uribe estaria lançando uma nuvem de fumaça para desviar a atenção no caso. “Quem pode pensar que as Farc, que não reconhecem todas as instituições do Estado, vão confiar ao ICBF (*Instituto Colombiano de Bem-Estar Familiar, onde estaria o menino*) um filho deles”, questionou a agência em seu site.

Segundo o alto comissário colombiano para a Paz, Luis Carlos Restrepo, decidiu-se divulgar a hipótese da liberdade de Emmanuel por tratar-se de um “assunto que comprometia o Estado”.

– Não podíamos atuar aqui de maneira secreta. Esse era um assunto que comprometia o Estado colombiano – disse Restrepo a emissoras de rádio.

Restrepo sustentou ainda que “nenhuma outra explicação pode existir para o fato de as Farc não terem cumprido (*com o cronograma de libertação*), pois talvez tentassem recuperar a criança para poderem fazer a entrega conjunta de todos os seqüestrados”. Não há data definida para divulgação do exame de DNA.

ZERO HORA.COM

Quem foi o responsável pelo fracasso da libertação de três reféns das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc)? Opine em www.zerohora.com

Do drama à paródia

RICARDO SEITENFUS*

A opinião pública mundial se transformou no novo refém das Farc. Foi feita uma operação na qual todos ganhariam, mas que se transformou numa ópera-bufa na qual todos perderam. A mobilização de mídia internacional se transformou rapidamente em manipulação. Mais de uma centena de jornalistas embrenhados na selva amazônica era o pré-anúncio do fracasso.

As Farc, nesse episódio, demonstraram sua verdadeira natureza e sua desumanidade. Elas mantêm seus reféns, o único papel-moeda que têm hoje. A política de seqüestros é a válvula de escape política e revolucionária que restou para as Farc, que se vêem acuadas: passaram de 18 mil para 14 mil integrantes, reduziram em 40% suas ações militares nos últimos cinco anos e não têm mais apoio sequer nos partidos de esquerda.

As Farc teriam dois caminhos: o diálogo, como fez o Exército de Libertação Nacional (ELN), ou essa trilha, que é praticamente a de uma seita. A perspectiva das Farc é muito difícil, e a ação de Hugo Chávez era uma das suas últimas esperanças. Como não deu certo, elas rumam para o suicídio.

As Farc só viriam a reconquistar apoios caso Chávez alcançasse seus objetivos. Ora, entre as funções do venezuelano está a de relações públicas, além de sua imensa capacidade e habilidade

para manter-se na mídia. Do outro lado, Álvaro Uribe sabe que seu poder vem da atitude firme em não negociar com os seqüestradores, de não ceder, de não levar em consideração as questões humanitárias, mas unicamente o interesse do Estado.

No meio dessa confusão, surgiu um episódio de novela das oito: Uribe afirmou que o menino seqüestrado estaria na verdade em um internato em Bogotá e sugeriu um exame de DNA com os familiares dele para comprovar. Por que ele não mencionou isso antes? É algo muito estranho.

A França tem papel fundamental na questão: o país tem uma ex-senadora, Ingrid Betancourt (de nacionalidade francesa e colombiana), seqüestrada há mais de cinco anos, o que se tornou um ponto sensível junto à opinião pública do país. A França se transformou em um interlocutor que compensa a ausência dos EUA, que não negociam com seqüestradores – e há americanos nas mãos das Farc. Hoje, Washington deve estar convencida que sua posição é a mais correta.

Brasil e Argentina deram uma aura de respeitabilidade, mas foram levados a um impasse. Não faltarão vozes para criticar o aparente amorosismo e o voluntarismo do Brasil. Acredito que o Brasil deve guardar distância desse caso.

*Professor da UFSM e diretor da Faculdade de Direito de Santa Maria

Combates

Seis guerrilheiros das Farc morreram nos primeiros combates registrados em 2008, em diferentes regiões do país, segundo boletim divulgado pelo Centro de Operações do Comando do Exército, em Bogotá. Três integrantes das Farc foram mortos na zona rural próxima ao município de Buenos Aires, em Cauca, no sudoeste do país.

Outro membro do grupo guerrilheiro morreu durante combate na zona rural de Bucarásica, no nordeste da Colômbia. Em outro combate, dois guerrilheiros morreram nas imediações do setor conhecido como Costa Rica, ao norte do país.



Os reféns: estão no meio da briga

Ingrid Betancourt: próximo alvo na negociação

Sarkozy: pressiona a Colômbia para libertar Ingrid

EUA: financiam o combate à guerrilha

Álvaro Uribe: inimigo da guerrilha

Data Publicação : 02/01/2008

Zero Hora.com (selo)